

JOSÉ DE ANCHIETA: CARTAS, INFORMAÇÕES, FRAGMENTOS HISTÓRICOS E SERMÕES¹

de Estêvão Raschiatti, sx

Em 3 de abril de 2014, papa Francisco assina o decreto de canonização do missionário jesuíta José de Anchieta, aquele que foi considerado o "Apóstolo do Brasil". Beatificado por João Paulo II em 1980, Anchieta foi responsável pela criação do colégio de Piratininga no dia 25 de janeiro de 1554, que deu origem à cidade de São Paulo. Dotado de talento incomum, em seu contato com os indígenas optou por uma catequese acessível e aculturada, utilizando a poesia, o teatro, aprendendo a língua tupi e compondo a primeira gramática. Modelo de evangelizador e missionário, a figura de Anchieta reúne e resume as luzes e as sobras da primeira evangelização no Brasil. Fazer memória dele em ocasião de sua canonização é aprendizagem para uma efetiva renovação missionária da Igreja no Brasil hoje, que passa necessariamente pelo reconhecimento e pela gratidão, mas também pela penitência e pelo discernimento.

*"Também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o império, e as terras viciosas
De África e de Ásia, andaram devastando (...)
Cantando espalharei por toda parte".²*

Assim o maior poeta de língua portuguesa Luís de Camões (1524-1580) canta no seu poema épico *Os Lusíadas*, mostrando bem a utopia e a desmesura dos navegantes portugueses do século XVI.

É o começo de uma nova epopéia, da conquista do espaço mundial por parte dos impérios europeus "por mares nunca navegados".³ O surgimento de um novo mundo, a América, e o descobrimento do caminho da Ásia, pelo Cabo da Boa Esperança, abrem de fato as portas do "Infinito" no imaginário do ocidente cristão e dilatam as fronteiras do universo conhecido.

Com a conquista dos novos territórios e com a depredação de suas imensas riquezas naturais, a sociedade medieval volta definitivamente página tornando-se bem mais rica e alimentada à custa da exploração da mão de obra escrava dos indígenas e dos negros que são o motor desta expansão econômica do século XV ao século XIX.

¹ ANCHIETA, José de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1988

² CAMÕES, Luís de (1524-1580). *Os Lusíadas*. 7ª ed., Cultrix, São Paulo, 1988, p. 21.

³ CAMÕES, p. 21.

No contexto deste novo e decisivo período da história mundial, insere-se a vida e a obra de José de Anchieta, uma das figuras que mais marcam e protagonizam não apenas a obra dos jesuítas do século XVI como também o surgimento do Brasil.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÉPOCA

Com o tratado de Tordesillas (1494), representantes do Reino de Portugal e de Espanha dividem-se as terras do novo continente e outorgam para si o direito de ocupá-las.

Em 21 de abril de 1500 a armada de Cabral toma posse da terra à qual dá o nome de Santa Cruz. "Depois - como o mesmo Anchieta informa - prevaleceu o nome de Brasil por causa do pau que nela há que serve para tintas".⁴

Durante as primeiras décadas do século XVI, Portugal limita-se a explorar a costa brasileira intensificando apenas o tráfico do pau-brasil.

Nesta época também os franceses chegam com seus navios ao Brasil (1504) e começam a desenvolver um comércio através de alianças com os povos indígenas. De fato, os navegantes das nações não ibéricas não reconheciam o tratado de Tordesillas.

Por volta da metade do século XVI, os negócios portugueses nas Índias iam de mal para pior. Lisboa decide de mudar sua política no Brasil. Em 1530, envia uma expedição de guarda-costas e de povoamento que persegue e aprisiona vários navios franceses e funda, em 1532, a primeira cidade do Brasil: São Vicente.

O fracasso do império das Índias impele Portugal a investir de forma mais sistemática na colônia. O rei divide as terras em capitânias hereditárias e aos donatários concede direitos régios. Esta total autonomia das capitânias facilita com o tempo os abusos de poderes dos capitães e a perda de controle por parte da coroa portuguesa.

Em 1549, Portugal implanta um governo central para garantir uma ordem interna. Chega Tomé de Souza, o primeiro governador geral do Brasil, com plenos poderes e direitos de vice-rei.

Função da administração centralizada era principalmente: conter os abusos contra os indígenas, proteger a costa brasileira de outros navios, incrementar o desenvolvimento da colônia e estabelecer a cristandade.

Para atingir este último importante objetivo o rei de Portugal contrata os jesuítas.

VIDA DE ANCHIETA

José de Anchieta aporta à Bahia de Todos os Santos em junho de 1553, com Duarte da Costa, segundo governador geral, na terceira leva da Companhia de Jesus enviada ao Brasil.

Terceiro filho de Juan Lopez de Anchieta⁵ e de Mencia Dias de Claviko Llerena, José nasce a 19 de março de 1534 na cidade de São Cristóvão da Laguna, ilha de Tenerife, arquipélago das Canárias.

⁴ ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitânias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 309.

⁵ O pai, de nobre família basca aparentada aos Loiola, não sabemos se saiu foragido da Espanha ou simplesmente se mudou para Tenerife em 1522. Os dados históricos que dispomos não permitem oferecer uma definição a este respeito. O que sabemos é que em 1531 Juan de Anchieta casou-se com uma descendente da nobre-

Em 1548, "incidentes desconhecidos"⁶ levam-no a Coimbra, onde começa os estudos. Na universidade distingui-se como um dos melhores estudantes pela aplicação e pelo talento literário. Pela facilidade com que verseja suas composições latinas ganha o apelido de "canário de Coimbra".⁷

Em 1551, em Portugal, atraído pela recém-fundada Companhia de Jesus, Anchieta ingressa no noviciado. Em poucos meses, porém, adoece gravemente por causa do fervor com que se aplica às práticas de piedade e da rígida disciplina imposta pelo Pe. Antônio Corrêa.⁸

É, então, destinado ao Brasil de onde chegam louvores a respeito da salubridade da terra junto a insistentes pedidos de novos missionários.

No dia 8 de maio de 1553, sai de Lisboa rumo às *índias brasílicas* com mais seis confrades. Chega à Bahia a 13 de junho e logo após, em outubro, é enviado para São Vicente numa viagem bastante acidentada.⁹

Em Janeiro de 1554, com outros companheiros, sobe a serra de Paranapiacaba e finalmente chega na aldeia de Piratininga no dia 25 onde "celebramos em pauperrima e estreitissima casinha a primeira missa, no dia da Conversão do Apóstolo São Paulo e, por isso a ele dedicamos a nossa casa".¹⁰

O talento e a formação de letrado lhe vale o papel de professor de latim entre os seus companheiros e de redator de cartas e informações aos superiores. Mas o jovem Anchieta tinha também outros ofícios como catequista dos índios, enfermeiro e fabricante de alpargatas.¹¹

Logo restabelecido de suas enfermidades, em poucos meses aprende a língua tupi e a coloca em gramática. Escreve também nessa língua o *Diálogo da fé*, catecismo para o uso dos missionários.

Em 1555, os franceses voltam ao Brasil instalando-se no Rio de Janeiro, fundando uma colônia denominada França Antártida. Fazem uma aliança com os Tamoios, inimigos dos Tupiniquins e aliados dos portugueses.

Os jesuítas interferem como mediadores de paz na guerra entre os dois povos indígenas. Em 1563, Anchieta acompanha o padre Manuel da Nóbrega, como intérprete, nesta negociação. Fica refém dos índios por cinco meses.

za das Canárias, já viúva, com a qual teve dez filhos. Cf. ALCANTARA MACHADO, Antônio de. *Vida do Padre Joseph de Anchieta*. In: ANCHIETA, *Cartas*, p. 543-562.

⁶ ABREU, Capistrano de. *A obra de Anchieta no Brasil*. In: ANCHIETA, *Cartas*, p. 23.

⁷ "«Tal era l'armonia, e dolcezza del suo comporre in versi latini, che in grazia di essi era chiamato il Canario, alludendo con grazioso escherzo e alla patria di lui, e agli angeletti di tal nome tanto celebri apresso tutti per la soavitá del canto» escreve Longaro Degli Ondi". ALCANTARA MACHADO, Antônio de. *Vida do Padre Joseph de Anchieta*. In: ANCHIETA, *Cartas*, p. 547.

⁸ Cf. *ibid.*, p. 548.

⁹ Cf. ANCHIETA, José de. *Ao Padre Geral, de São Vicente, ao ultimo de maio de 1560*. In: - *Cartas*, p. 118-120.

¹⁰ É a fundação da atual cidade de São Paulo. Cf. ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 48.

¹¹ Cf. ANCHIETA, José de. *Aos Irmãos enfermos de Coimbra, de São Vicente, 1554*. In: - *Cartas*, p. 73.

O conflito termina com um acordo entre os dois povos que enfraquece o poder de resistência dos franceses, expulsos logo em seguida. Em 1565, o nosso autor toma parte com Estácio de Sá à conquista de Guanabara e à fundação do Rio de Janeiro.

Terminada esta missão, volta à Bahia e em 1566 é ordenado padre por Dom Pedro Leitão.

No ano seguinte é nomeado superior da casa de São Vicente e permanece neste cargo até 1577 quando é escolhido como provincial. Neste ano Companhia de Jesus no Brasil já conta com 130 religiosos.

Em 1588, deixa este ofício e assume o de superior da casa de Vitória do Espírito Santo.

Em 1595, é liberado também deste cargo e vai como missionário para a aldeia de Reritiba – hoje Anchieta, ES – onde morre no dia 9 de junho de 1597 aos 63 anos.

A OBRA

Autor de peças teatrais, poesias, catecismos, gramáticas, Anchieta revela todo seu talento de lingüista, letrado e redator, como também de historiador, naturalista¹² e etnógrafo, principalmente nesta obra *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, à qual este trabalho se refere.

Encarregado de redigir as correspondências à direção da Companhia de Jesus, em Portugal e em Roma¹³, Anchieta elabora toda uma série de cartas e relatórios reunidos pela Academia Brasileira de Letra numa coletânea em 1933.¹⁴

Trata-se de 38 documentos escritos ou atribuídos¹⁵ a José de Anchieta, um verdadeiro dossiê das epopéias jesuíticas do século XVI junto às vicissitudes da conquista, às culturas dos povos indígenas, às descrições ricas de detalhes sobre a nova terra, às grandes questões sobre a evangelização, às biografias dos seus principais protagonistas e às exortações de um pai para com seus filhos.

Um material de imenso valor histórico, literário, missiológico e espiritual composto por 28 cartas¹⁶; 5 relatos (*informações*) sobre o Brasil, os aldeamentos, os colégios, os jesuítas e os

¹² Veja a Carta X desta coletânea. Cf. ANCHIETA, José de. *Ao Padre Geral, de São Vicente, ao ultimo de maio de 1560*. In: - *Cartas*, p. 113-139.

¹³ A direção geral da Companhia determinava que cada região missionária devia escrever, regularmente, relatórios e informações de seus trabalhos. Cf. ANCHIETA, José de. *Ao Geral Diogo Lainez, de São Vicente, a 16 de Abril de 1563*. In: - *Cartas*, p. 191.

¹⁴ Não se trata, porém, dos únicos textos atribuídos a Anchieta chegados até nós. Temos também a gramática da língua tupi logo adotada pelos Jesuítas no estudo obrigatório da língua brasílica, impressa em 1595 em Lisboa. Temos dele dois grandes poemas em latim: um dedicado à Virgem Maria; outro dedicado ao governador Mem de Sá. Na língua tupi temos o catecismo em forma de diálogo, que já citamos publicado pela primeira vez em Lisboa em 1668, e várias cantigas publicadas pela Academia Brasileira de Letras numa coletânea em 1923. Por tudo isto, Anchieta é considerado o primeiro grande pioneiro da literatura brasileira.

¹⁵ Cf. PEIXOTO, Afrânio. *Nota preliminar*. In: ANCHIETA. *Cartas*, p. 17-23.

¹⁶ Dezesseis destas cartas são destinadas aos Padres Gerais da Companhia (Loyola, Lainez, Mirão, Borja e Acquaviva) entre 1554 e 1594; 2 aos confrades de Portugal (1554-55); 7 a jovens confrades no Brasil; 1 ao Capitão de São Vicente (1579); 1 ao Capitão da Bahia (1592) e 1 a Gaspar Schet (1578), provavelmente um benfeitor da Companhia.

casamentos entre os índios; uma correspondência com um confrade (incluída em 2 informações); 1 documento chamado de *Fragmentos históricos*¹⁷ e os dois sermões de 1567 e 1568.

A PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO

Enviados ao Brasil por mandado do Rei D. João III, os jesuítas tinham um objetivo preciso em sua missão: "buscando todos os modos e maneiras que podiam para entrar com o gentio, e lhe prègarem a lei evangelica".¹⁸

Como Anchieta explica, "antes da vinda dos Padres não havia cristandade nem quem prègasse o Evangelho no Brasil: eles o começaram a prègar de proposito, com que se fez muito fruto nas almas ...".¹⁹

Contudo, os jesuítas não foram os primeiros missionários da província de Santa Cruz:

"Os primeiros religiosos que vieram ao Brasil foram da ordem de S. Francisco, os quais aportaram a Porto Seguro não muito depois da povoação daquela capitania, e fizeram sua habitação com zêlo da conversão do gentio, e, ainda que não sabiam sua lingua, de um deles se diz que lhe lia o Evangelho e, como lhe dissessem os Portugueses que para que lho lia pois o não entendiam, respondia: «Palavra de Deus é ela, tem virtude para obrar neles»".²⁰

Estes franciscanos, porém, não tiveram muita sorte, pois foram mortos pelos índios pouco depois.²¹

No entanto, os jesuítas diferenciaram-se por outro estilo e outro método missionário.

Em primeiro lugar, aprendiam a língua dos povos aos quais eram destinados: "... foram também os ditos Padres aprendendo a lingua do gentio pera que sua conversão tivesse melhor efeito".²²

Procuravam uma inserção no meio dos índios:

"De Janeiro até o presente tempo permanecemos, algumas vezes mais de vinte, em uma pobre casinha feita de barro e paus coberta de palhas, tendo quatorze passos de comprimento e apenas dez de largura, onde estão ao mesmo tempo a escola, a enfermaria, o dormitorio, o refeitório, a cozinha, a dispensa".²³

¹⁷ Trata-se de 6 breves biografias de alguns dos primeiros jesuítas entre eles: Manuel da Nóbrega, Diogo Jacome, Manuel de Paiva, Salvador Rodrigues, Francisco Pires e Gregório Serrão.

¹⁸ ANCHIETA, José de. *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. In: - *Cartas*, p. 357.

¹⁹ ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 323.

²⁰ *Ibid.*, p. 320.

²¹ Cf. *ibid.*, p. 321.

²² ANCHIETA, José de. *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. In: - *Cartas*, p. 357; cf. também, - *Aos Irmãos enfermos de Coimbra, de S. Vicente - 1554*, In: - *Cartas*, p.73-74; - *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 324, 333, 357.

²³ ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 53.

Dormiam em redes, comiam dos frutos da terra²⁴, trabalhavam para se sustentar²⁵, diversificavam sua atividade²⁶ e procuravam viver também da bondade local.²⁷

Começavam o trabalho de evangelização pelas crianças e, a partir delas, atingiam os adultos: "êstes, entre os quais vivemos, trazem-nos voluntariamente seus filhos para os ensinarmos, os quais, sucedendo depois a seus pais, tornem o povo agradável a Cristo".²⁸

Criavam escolas e colégios.²⁹ Procuravam afastar as crianças dos diabólicos costumes dos pais³⁰, que viviam sob o jugo do demônio³¹, até quebrar uma harmonia familiar:

"Outro, estando já de ha muito separado do contato dos pais, passando com os nossos Irmãos pela aldeia em que morava a mãe, dando-lhe os mesmos licença para ver sua mãe, não a saudou no entanto e passou além; assim, antepõem em tudo ao amor dos pais o nosso. Louvor e glória a Deus, de quem todo bem procede".³²

Organizavam o catecumenato com diligência e seriedade³³, e dedicavam-se a administrar os sacramentos sempre com um zelo heróico:

"Os perigos e trabalhos que nisto se passam, pela diversidade dos lugares a que acodem, se podem conjeturar: perigos de cobras (...); perigos de onças (...); Perigos de inimigos (...); tormentas por mar (...). E contudo, nada disto se estima e

²⁴ Cf. *ibid.*, p. 47.

²⁵ Cf. *ibid.*, p. 54.

²⁶ "Neste tempo que estive em Piratininga servi de medico e barbeiro (...) Demais disso tenho aprendido um ofício que me ensinou a necessidade, que é fazer alpergatas". ANCHIETA, José de. *Aos Irmãos enfermos de Coimbra, de S. Vicente, 1554*. In: - *Cartas*, p. 73.

²⁷ Cf. ANCHIETA, José de. *Aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em Portugal, de Piratininga, 1555*. In: - *Cartas*, p. 83.

²⁸ ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 49; cf. também - *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. In: - *Cartas*, p. 357.

²⁹ "Duas vezes por dia se reúnem na escola, e todos eles, principalmente de manhã, porque depois do meio dia, cada um precisa de provêr á sua subsistencia, caçando, ou pescando; e se não trabalharem, não comem. O principal cuidado que deles se tem, consiste no ensino dos rudimentos da fé, sem omitir o conhecimento das letras, ás quais tanto se afeiçoam". ANCHIETA, José de. *Trimestral de Maio a Agosto de 1556, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 99.

³⁰ Cf. ANCHIETA, José de. *Ao Padre Geral Diogo Lainez, de S. Vicente, a 12 de junho de 1561*. In: - *Cartas*, p. 176.

³¹ Cf. ANCHIETA, José de. *De S. Vicente, a 15 de Março de 1555*. In: - *Cartas*, p. 96; - *Ao Padre Geral, de S. Vicente, a 1 de Junho de 1560*. In: - *Cartas*, p. 156.

³² ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 52-53.

³³ "Nesta aldeia, cento e trinta de todo o sexo e idade foram chamados para o catecismo e trinta e seis para o batismo, os quais são todos os dias instruidos na doutrina, repetindo as orações em português e na sua própria língua; o concurso e frequencia das mulheres é maior; em cada domingo celebra-se missa para os mesmos; sendo muitos catecumenos despedidos gravemente depois do ofertorio, com dificuldade e gravemente o toleram, e nos rogam incessantemente que os promovamos ao batismo, o que é de cautela que não se faça para que não voltem ao êrro dos antigos costumes; porquanto, julgamos que não se lhes deve conceder o batismo senão depois de uma longa prova". ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 49; cf. também, - *Aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em Portugal, de Piratininga, 1555*. In: - *Cartas*, p. 82.

muitas vezes por acudir a batizar ou confessar um escravo de um Português se andam seis sete leguas a pé, e ás vezes sem comer".³⁴

SALVAÇÃO E PERDIÇÃO

Tudo isto, tendo a firme convicção que sua missão era uma guerra contra o diabo:

"Se somos guerreiros, como devemos ser, pois *militia est vita homini super terram*; se somos esforçados, como devemos ser, pois somos cristãos, e cristão não quer dizer outra coisa senão homem de Cristo, nosso verdadeiro e valentissimo capitão, o qual, unguido como o oleo da graça *prae consortibus suis*, nos ungiu também a nós, para sermos valentes e esforçados lutadores e guerreiros contra o Diabo e a Carne".³⁵

Era necessário, portanto, salvar as almas de Satanás pregando a penitência e a conversão ao único verdadeiro Deus e a seus mandamentos:

"Sabeis, meus irmãos, para que vos fere Nosso Senhor? Para vos sarar. Fere-vos com perdas temporais da fazenda, para que trabalheis por não perder os bens eternos, de que vos quer fazer herdeiros no céu (...) vendo-vos afrontados do mundo e com rosto cheio de vergonha, busqueis o nome e a honra de Deus Nosso Senhor, guardando seus mandamentos, que é a verdadeira honra e caminho certo para alcançar a honra eterna do céu".³⁶

Como era típico do seu tempo, Anchieta acreditava que *extra Ecclesiam nulla salus*:

"a ninguém ensina Cristo o caminho da sua salvação, nem se pode salvar, se primeiro não entra na cidade da santa Igreja, sujeitando-se á santa fé catolica e aos prelados dela, como é o papa, bispos, vigarios e seus superiores seculares, como são capitães, ouvidores e juizes, quando mandam o que é justo; porque nesta santa Igreja, que é cidade de Deus, tudo se rege e governa por obediencia".³⁷

E nessa Igreja tudo parece ser justificado pela glória de Deus e a salvação da alma:

"Queres, irmão, ser vaso escolhido de Deus? *Ingrederere civitatem*, entra na cidade da glória, lembrando-te que a poder de marteladas e pancadas se lavram os vasos, que lá entram, e com isto te parecerá suave o peso da obediencia, pobreza, castidade, fome, sêde e trabalhos que padeces".³⁸

³⁴ ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitánias* - 1584. In: - *Cartas*, p. 330-331.

³⁵ ANCHIETA, José de. *Sermão da Conversão de S. Paulo* - 1568. In: - *Cartas*, p. 521-522.

³⁶ ANCHIETA, José de. *Sermão de 1567*. In: - *Cartas*, p. 504-505.

³⁷ ANCHIETA, José de. *Sermão da Conversão de S. Paulo* - 1568. In: - *Cartas*, p. 532.

³⁸ *Ibid.*, p. 539.

CONIVÊNCIA COM A CONQUISTA

Ao mesmo tempo, a ligação com a cidade terrena era muito estreito. Contratados pelo Rei de Portugal, chefe da Igreja católica no Brasil, os jesuítas recebiam dele várias verbas, como o mesmo Anchieta testemunha: "o vestuário, porém, é o mesmo que a nós e aos Irmãos em Portugal é fornecido pelo sereníssimo rei de Portugal".³⁹

A invasão dos conquistadores era vista como uma conquista da cristandade. Os padres acompanhavam capitães e governadores nas guerras justas, "batizando e confessando"⁴⁰, para "ajudá-los com orações públicas e particulares".⁴¹

A cooperação entre os jesuítas e o governo geral da colônia era franca e a convivência com a exploração da colônia era pacífica:

"Acresce também a isso que, como todas as orações e gemidos dos nossos Irmãos, depois que aqui estão, se afadigam pedindo contínua e fervorosamente a Deus Ótimo e Máximo que enfim se digne algumas vezes mostrar e descobrir algum caminho em que para aqui se dirijam os gentios a receberem a sua fé. Agora finalmente se descobriu uma grande cópia de ouro, prata, ferro, e outros metais, até aqui inteiramente desconhecida (como afirmam todos), a qual julgamos ótima e facilíssima razão, de que já por experiência estamos instruídos".⁴²

Os jesuítas chegaram a acompanhar as primeiras expedições no interior com um propósito específico:

"Determinou Sua Alteza mandar doze homens pelo sertão a descobrir ouro que diziam que havia para o que o governador Tomé de Sousa pediu um Padre (...) Eles vão buscar ouro e ele vai buscar tesouro de almas, que naqueles partes ha mui copioso".⁴³

Anchieta admite que não era possível a evangelização sem a conquista:

"Uma cousa desejamos cá todos e pedimos muito a Nosso Senhor, sem a qual não se poderá fazer muito fruto no Brasil, que desejamos, e é que esta terra toda seja mui povoada de Cristãos que a tenham sujeita, porque a gente é tão indomita e está tão encarniçada em comer carne humana e isenta em não reconhecer superior, que será mui dificultoso ser firme o que se plantar, se não houver êste remédio, o qual continuamente pedem cá os Padres e Irmãos a Nosso Senhor e estão mui consolados por haver quasi certeza que pola terra a dentro se descobrem

³⁹ ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 47; cf. também, *ibid.*, p. 64.

⁴⁰ ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitâneas - 1584*. In: - *Cartas*, p. 331.

⁴¹ ANCHIETA, José de. *Ao Padre Geral Diogo Lainez, de S. Vicente, a 12 de junho de 1561*. In: - *Cartas*, p. 182.

⁴² ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 59.

⁴³ ANCHIETA, José de. *Ao padre mestre Inácio de Loiola, preposito geral da Companhia de Jesus, de Piratininga, julho de 1554*. In: - *Cartas*, p. 79.

muitos metais, porque com isto se habitará muito esta terra, e êstes pobres Indios, que tão tiranizados estão do demonio, se converterão a seu Creador".⁴⁴

COMPREENSÃO DOS DESTINATÁRIOS

Anchieta tinha uma compreensão do destinatário de sua missão de repúdio e ao mesmo tempo de maravilha. Reconhecia sua admirável integração com a natureza⁴⁵, sua língua "delicada, copiosa e elegante"⁴⁶, sua capacidade de viver em comum⁴⁷ e de não acumular bens⁴⁸, seu sentido de hospitalidade⁴⁹, sua "candura natural e com andar nús *non verecundant*, parece que representam o estado de inocencia".⁵⁰ "Não são tão boçais e rudes como por lá se imagina"⁵¹ e "não são tão crueis".⁵²

Ao mesmo tempo afirmava que "ainda todos êstes são gente de mui pouca capacidade natural"⁵³, "barbaros e indomitos, que, parecem aproximar-se mais á natureza das feras do que á dos homens"⁵⁴, "são de uma natureza tão descansada"⁵⁵ e "tão inquieta"⁵⁶, bebem muito e têm muitas mulheres⁵⁷, são muito inconstantes⁵⁸, gente de grande falsidade⁵⁹ ... E por ai vai!

Ao longo de toda sua produção literária, cruzam-se estas opiniões contrastantes sobre os povos indígenas por ele encontrados. No fim das contas, porém, admite eles terem juízo bastante para sua salvação⁶⁰, e polemiza com a Igreja que descuida de sua conversão e o que os considera "quasi como de gente que não tem alma racional nem foi criada e redimida para a Glória".⁶¹

⁴⁴ ANCHIETA, José de. *Aos Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em Portugal, de Piratininga, 1555*. In: - *Cartas*, p. 87.

⁴⁵ Cf. ANCHIETA, José de. *Ao Padre Geral, de São Vicente, ao ultimo de maio de 1560*. In: - *Cartas*, p. 115.

⁴⁶ ANCHIETA, José de. *Informação da Provincia do Brasil para nosso Padre - 1585*. In: - *Cartas*, p. 441.

⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p. 442.

⁴⁸ Cf. *Ibid.*, p. 442.

⁴⁹ Cf. *Ibid.*, p. 442.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 442.

⁵¹ *Ibid.*, p. 441.

⁵² ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 337

⁵³ ANCHIETA, José de. *Informação da Provincia do Brasil para nosso Padre - 1585*. In: - *Cartas*, p. 441.

⁵⁴ ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 56.

⁵⁵ ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 341.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 310.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 341.

⁵⁸ Cf. ANCHIETA, José de. *Ao Padre Geral, de São Vicente, a 1 de Junho de 1560*. In: - *Cartas*, p. 160.

⁵⁹ Cf. ANCHIETA, José de. *Ao Geral Diogo Lainez, de São Vicente, Janeiro de 1565*. In: - *Cartas*, p. 227.

⁶⁰ Cf. ANCHIETA, José de. *Informação da Provincia do Brasil para nosso Padre - 1585*. In: - *Cartas*, p. 441.

⁶¹ ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 330.

Estes índios parecem não terem religião, nem adorarem Deus algum⁶². Apenas "alguns feiticeiros ha entre eles a que chamam Pagé"⁶³ e "têm alguma notícia do diluvio, mas muito confusa"⁶⁴. "Depois de cristãos têm algumas cousas notaveis e a primeira é que são *tanquam tabula rasa* para imprimir-se-lhes todo o bem".⁶⁵

NECESSIDADE DA SUJEIÇÃO

Precisa, porém, obrigá-los "a fazer por fôrça o que não se resolveriam a fazer por amor"⁶⁶:

"Todos êstes impedimentos e costumes são mui facéis de se tirar se houver temôr e sujeição, como se viu por experiencia desde do tempo do governador Mem de Sá até agora; porque com o os obrigar a se juntar e terem igreja, bastou para receberem a doutrina dos Padres e perseverar nela té agora, e assim será sempre, durando esta sujeição".⁶⁷

Encontramos este tipo de sentença em redações de Anchieta de época diferente, quase fosse uma opinião e uma praxe bastante enraizada nos missionários da época.⁶⁸

De fato, o trabalho de evangelização junto aos povos indígenas gerava freqüentemente senos de frustração e desânimo nestes pioneiros, visto que os que consideravam serem bom fruto de sua catequese e de todos seus ensinamentos⁶⁹, logo voltavam aos antigos e depravados costumes.⁷⁰ Anchieta chega a não conformar-se com tais constatações:

"Porque como era possivel que pudessemos sofrer tanto tempo, e com tanta alegria, tanta dureza de coração dos Brasis que ensinamos, tão cerrados ouvidos á Palavra Divina, tão facil renunciantes dos bons costumes, que alguns hão desaprendido, tão pronto relaxo aos costumes e pecados de seus maiores, e finalmente tão pouco e nenhum cuidado de sua propria salvação, se as contínuas orações da Companhia nos não déssem mui grande ajuda? Há tão poucas cousas dignas de se escrever, que não sei que escreva, porque, se escrever a Vossa Paternidade que haja muitos Brasis convertidos, enganar-se-á a sua esperança".⁷¹

⁶² Cf. *Ibib.*, p. 339.

⁶³ ANCHIETA, José de. *Informação da Provincia do Brasil para nosso Padre - 1585*. In: - *Cartas*, p. 442; também cf. - *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 339.

⁶⁴ *Ibib.*, p. 340.

⁶⁵ ANCHIETA, José de. *Informação da Provincia do Brasil para nosso Padre - 1585*. In: - *Cartas*, p. 442.

⁶⁶ ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 59

⁶⁷ ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 341

⁶⁸ Cf. ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 59; - *Ao Padre Geral Diogo Lainez, de S. Vicente, a 12 de junho de 1561*. In: - *Cartas*, p. 181; - *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, 341.

⁶⁹ Cf. citação 15

⁷⁰ Cf. ANCHIETA, José de. *De Piratininga, fim de Dezembro de 1556*. In: - *Cartas*, p. 102-103; - *Ao Padre Geral, de São Vicente, a 1 de Junho de 1560*. In: - *Cartas*, 155; - *Ao Padre Geral Diogo Lainez, de S. Vicente, a 12 de junho de 1561*. In: - *Cartas*, p. 176.

⁷¹ ANCHIETA, José de. *Ao Padre Geral, de São Vicente, a 1 de Junho de 1560*. In: - *Cartas*, p. 155.

Com a mesma facilidade com que os indígenas aceitavam a nova fé dos missionários, também a esqueciam na medida em que mudavam continuamente de lugar⁷² muitas vezes fora do alcance da ação dos missionários.⁷³

Portanto, parece impor-se esta idéia da constante sujeição como a mais oportuna para a salvação destas almas. Entorno desta convicção começa estruturar-se a necessidade de aglomerar os indígenas em aldeamentos sujeitos à Coroa portuguesa e à autoridade dos jesuítas, "porque (...) quando estavam todos juntos algum fruto se fazia neles".⁷⁴

EM DEFESA DA VIDA

Esta exigência ganha força ao constatar que os maiores impedimentos à conversão dos indígenas não eram seus maus costumes, mas eram os próprios portugueses por "não haver nelles zêlo da salvação dos Indios, *etiam* naqueles *quibus incumbit ex officio*, antes os têm por selvagens, e, ao que mostram, lhes pesa de ouvir dizer que sabem eles alguma cousa da lei de Deus".⁷⁵

Os portugueses não apenas não estavam convencidos disso, como também não davam bom exemplo de vida cristã, induziam os indígenas a transgredir os ensinamentos dos jesuítas⁷⁶, saqueavam suas aldeias⁷⁷, estupravam suas mulheres⁷⁸, os massacravam⁷⁹, os enganavam⁸⁰ e os levavam como escravos.⁸¹

Anchieta levanta-se em favor dos indígenas e os defende dos abusos e dos excessos da colonização que procurava mão-de-obra para fazendas e engenhos:

"Não lhes concedemos que façam dos Indios Cristãos á sua vontade, querendo servir-se deles a torto e a direito. Mas como esta é guerra antiga, e no Brasil não

⁷² "quasi é natural dêsses Indios nunca morar em um lugar certo". ANCHIETA, José de. *De Piratininga, fim de Dezembro de 1556*. In: - *Cartas*, p. 103.

⁷³ Cf. ANCHIETA, José de. *Ao Padre Geral Diogo Lainez, de S. Vicente, a 12 de junho de 1561*. In: - *Cartas*, p. 176.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 176.

⁷⁵ ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 342.

⁷⁶ Cf. ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 49, 56.

⁷⁷ Cf. ANCHIETA, José de. *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. In: - *Cartas*, p. 363.

⁷⁸ Cf. ANCHIETA, José de. *Ao Padre Geral, de São Vicente, a 1 de Junho de 1560*. In: - *Cartas*, p. 161s.

⁷⁹ "A gente que de 20 anos a esta parte é gastada nesta Baía, parece cousa, que se não pode crêr; porque nunca ninguém cuidou, que tanta gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo". ANCHIETA, José de. *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. In: - *Cartas*, p. 385; cf. também - *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 311, 314, 316.

⁸⁰ "Outros Portugueses no sertão abalam os Indios, dizendo que os trazem para as igrejas dos Padres, e com isto se abalam da suas terras, porque já sabem por todos o sertão, que sòmente gente que está nas igrejas, onde os Padres residem, tem liberdade, que todas a mais é cativa". ANCHIETA, José de. *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. In: - *Cartas*, p. 386.

⁸¹ Cf. *Ibid.*, p. 366.

se acabará senão com os mesmos Índios, trabalha-se todo possível pela sua defesa, pera que com isto se salvem os predestinados".⁸²

Reconhece que "onde falta justiça secular" os indígenas "têm necessidade da proteção do braço eclesiástico"⁸³ e afirma que "os Padres da Companhia são os pais dos Índios assim das almas como dos corpos".⁸⁴

E não era por menos. No seu relato indignado do extermínio sofrido pelos indígenas⁸⁵, onde são apontadas como causas as guerras, os maltratos dos portugueses e as epidemias, Anchieta descreve com carinho as atenções e a dedicação dos Padres para com os nativos empastados pelas bexigas.⁸⁶

OS ALDEAMENTOS

Os jesuítas logo percebem a grande defasagem entre seus objetivos, suas pregações e todas as façanhas dos colonos. Começam, então, a organizar espaços separados e protegidos dos portugueses onde recolher os indígenas para protegê-los e pode-los melhor evangelizar.

Já em 1550 o padre Nobrega encaminha na Bahia experiências piloto neste sentido. Mas é a partir de 1557, com o apoio do governador Mem de Sá que os aldeamentos conheceram um impressionante desenvolvimento⁸⁷: principalmente na Bahia, como também no Rio de Janeiro⁸⁸, Espírito Santo⁸⁹, São Vicente e Piratininga.

Anchieta reconhece a extrema validade destas iniciativas⁹⁰ como também a necessidade do braço secular para realizá-las⁹¹ tanto do ponto de vista militar quanto do ponto de vista jurídico.⁹² As incursões de Mem de Sá pelo sertão da Bahia recolheram indígenas de dezenas de

⁸² ANCHIETA, José de. *Ao Geral Padre Claudio Aquaviva, do Espirito Santo, a 7 de Setembro de 1594*. In: - *Cartas*, p. 301.

⁸³ ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 318.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 390.

⁸⁵ Cf. ANCHIETA, José de. *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. In: - *Cartas*, p. 357-390.

⁸⁶ Cf. *Ibid.*, p. 388.

⁸⁷ Cf. *Ibid.*, p. 358.

⁸⁸ Cf. ANCHIETA, José de. *Informação da Provincia do Brasil para nosso Padre - 1585*. In: - *Cartas*, p. 429.

⁸⁹ Cf. *Ibid.*, p. 427.

⁹⁰ Cf. ANCHIETA, José de. *Ao Padre Geral, de São Vicente, a 1 de Junho de 1560*. In: - *Cartas*, p. 160.

⁹¹ "A conversão dêstes não cresceu tanto como a da Baía, porque nunca tiveram sujeição, que é a principal parte necessaria para êste negócio, como houve depois na Baía em tempo do governador Mem de Sá" ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitánias - 1584*. In: - *Cartas*, p. 324; cf. também, - *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, 55; - *Ao Geral Diogo Lainez de São Vicente, a 16 de Abril de 1563*. In: - *Cartas*, p. 196; - *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. In: - *Cartas*, 358.

⁹² Mem de Sá edita três leis em favor dos pedidos dos jesuítas: que os indígenas parassem de comer carne humana, que não fizessem guerra senão com causa justa, e que se reuníssem em grande povoações em forma de república. Cf. ANCHIETA, José de. *Ao Padre Geral, de São Vicente, a 1 de Junho de 1560*. In: - *Cartas*, p. 171.

aldeias de diferentes povos⁹³ para junta-los nas aldeias dos "índios cristãos"⁹⁴ sob a responsabilidade e a direção dos jesuítas.⁹⁵

Tudo parece, nestes aldeamentos, ter achado o lugar ideal para a conversão destes gentios. Aqui, mistura-se um jeito indígena de ser com os bons costumes cristãos:

"fazem suas danças á portuguesa, e quando fazem estas danças põem uns diademas na cabeça de penas de passaros de várias côres, e desta sorte fazem também os arcos, empenam e pintam o corpo, e assim pintados e mui galantes a seu modo fazem suas festas muito aprazíveis, que dão contento e causam devoção por serem feitas por gente tão indomita e barbara, mas, pela bondade divina e diligência dos nossos, feitos já homens politicos e cristãos".⁹⁶

Em 1575, após a morte de Mem de Sá, o rei de Portugal estabelece mais uma provisão em favor da proteção dos indígenas dos aldeamentos que iam trabalhar nas fazendas dos colonos⁹⁷, mas Anchieta afirma que estas determinações nunca tiveram efeito "porque os Índios não sabem requerer sua justiça".⁹⁸

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Nesta viagem dentro da obra de José de Anchieta descobrem-se marcos importantes da primeira evangelização, tanto nos métodos missionários como na consideração dos destinatários.

Desde o primeiro envio dos jesuítas ao Brasil, houve uma sincera preocupação com a língua e com a inserção. O nosso autor, por exemplo, colocou seus finos talentos de letrado a disposição da evangelização num dedicado esforço de aproximação aos nativos.

A seriedade com a qual era encarada a formação das crianças e o catecumenato, é um indício de como a evangelização não era apenas considerada uma ação mágica da graça distribuída pelos sacramentos.

O pedido de adaptação de regras eclesiásticas para favorecer o florescimento da vida cristã na nova colônia - como no caso dos impedimentos matrimoniais entre parentes próximos⁹⁹ - é outro sinal de uma certa sensibilidade para com a cultura local.

Desde o começo os missionários nunca se preocuparam somente com a alma, mas sim com o valor e a dignidade da vida integral das pessoas. Em outras palavras, a evangelização não tinha como seu âmbito específico apenas a dimensão espiritual, mas começava de alguma forma com a luta em defesa dos direitos dos povos.

⁹³ Cf. ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas Capitánias* - 1584. In: - *Cartas*, p. 311.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 313

⁹⁵ Cf. ANCHIETA, José de. *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. In: - *Cartas*, p. 389-390.

⁹⁶ ANCHIETA, José de. *Informação da Provincia do Brasil para nosso Padre* - 1585. In: - *Cartas*, p. 424.

⁹⁷ Cf. ANCHIETA, José de. *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. In: - *Cartas*, p. 378-379.

⁹⁸ ANCHIETA, José de. *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. In: - *Cartas*, p. 379.

⁹⁹ Cf. ANCHIETA, José de. *Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, de Piratininga*. In: - *Cartas*, p. 56.

Quanto às atitudes coercitivas e às considerações negativas em relação aos indígenas que encontramos na obra anchietana, podemos nos perguntar: era possível dentro do contexto da formação jesuítica da época outro tipo de apreciações? Era possível um quadro teológico alternativo de referência que pudesse gerar outro tipo de intuições pastorais? Era realmente viável um processo alternativo de evangelização mais inculturado na vida dos povos indígenas?

“Não podemos cobrar de Anchieta leituras antropológicas do século XX, mas podemos cobrar-lhe a consciência possível da época que se encontra, por exemplo, na consciência leiga de Montaigne”.¹⁰⁰

Com efeito, Michel de Montaigne (1533 – 1592), um contemporâneo de Anchieta, afirmava que “não são os bárbaros motivo de maior estranheza para nós do que nós para eles”¹⁰¹, e chegava à conclusão que não via nada de bárbaro ou selvagem porque “cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra”.¹⁰² Portanto, era possível sim outra sensibilidade diante do diferente no século XVI: mas não foi o que aconteceu no caso de Anchieta e de quase todos os outros missionários quinhentistas.

Diante destes fatos, o que devemos realmente interpelar é o presente e o futuro da evangelização junto a qualquer grupo humano. É possível ter um quadro de critérios profundo, ético e respeitoso na consideração da cultura do *outro*? É possível fundamentar uma ação missionária numa consciência eclesial alternativa, que não se julgue obrigatoriamente (e sutilmente) exclusiva e necessária? De que forma são realmente viáveis processos inculturados de evangelização nos vários contextos da sociedade mundializada de hoje?

Quanto aos conflitos entre os interesses dos jesuítas e as exigências da conquista colonial, devemos talvez considerar a época histórica em que estas pejejas aconteceram. A ocupação dos espaços mundiais por parte dos impérios europeus surgiram num momento em que o mito da cristandade começava a despedaçar-se.

As novas descobertas astronômicas e geográficas, junto às navegações temerárias dos portugueses e dos espanhóis, contribuíram a refazer a cosmologia de Ptolomeu, contrariando as verdades eternas sobre as quais eram fundadas.

A ciência começava encontrar o caminho de sua autonomia, depois respaldado pela filosofia, com a obra Descartes sobre o pensamento empírico.

O Renascimento antes e a Reforma Protestante depois, movimentos de clara autonomia cultural e espiritual, inauguravam na sociedade europeia a época moderna. Âmbitos e disciplinas começavam tomar rumos paralelos sem conseguir mais a reconduzir-se a uma referência de valores e hierarquias comuns.

As monarquias e o papado continuavam a propor a cristandade como modelo de referência, onde havia origem a justificação do próprio poder temporal e espiritual. Mas na sociedade um outro tipo de dinâmicas começava a impor seu domínio. Principalmente, no novo mercado intercontinental e nas rotas do comércio marítimo, de onde havia de surgir uma nova

¹⁰⁰ SUESS, Paulo. *Introdução à teologia da missão*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 105.

¹⁰¹ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. São Paulo: Abril, 1972, 62s.65 [1,23].

¹⁰² *Ibid.*, p. 105ss,109 [1,31]

classe dominadora (a burguesia), um novo conceito de riqueza (o capital), um novo valor absoluto (o lucro).

Olhando às vicissitudes do século XVI por este ângulo, podemos melhor entender os conflitos entre os missionários e os colonos, entre a evangelização e a exploração, entre a ética e a economia ... Enfim, entre a cristandade e a modernidade. Todas questões em embrião naquela época, que marcaram depois, muito mais profundamente, a história da humanidade nos séculos XIX e XX.

Da mesma forma, em embrião naquela época estava a vocação profética da Igreja latino-americana. Frente a irrupção da conquista colonial, os primeiros missionários do Brasil logo indicaram o caminho da evangélica opção pelos pobres e do engajamento na luta pela liberdade e pela vida contra toda opressão.